

REPRESENTAÇÕES DO CIRCO NOS LIVROS INFANTIS: UM ENCONTRO COM PALHAÇOS, MALABARISTAS E TRAPEZISTAS

Marco Antonio Coelho Bortoleto ¹ e Rita de Cassia Fernandes Miranda ²

Resumo

O emprego do circo como temática nos livros infantis, embora não seja uma prática editorial recente, ampliou-se nas últimas décadas, estabelecendo um relevante diálogo com a sociedade. A presente pesquisa de natureza documental analisa as representações do circo em livros infantis a partir da análise de 50 obras disponíveis em português produzidas entre 1972 e 2020. O estudo sugere que a relação circo-criança aparece cristalizada, retida no tempo, e alicerçada na forma itinerante do espetáculo circense (de lona, de organização familiar e com a presença de animais). O conjunto das obras parece contribuir para a construção de um olhar restrito e conservador sobre o circo, produzindo o estranhamento quando a linguagem circense se apresenta fora desse modelo.

Palavras-chave: Livro infantil; Circo; Arte; Educação; Infância.

REPRESENTATIONS OF THE CIRCUS IN CHILDREN'S BOOKS: A MEETING WITH CLOWNS, JUGGLERS AND TRAPEZISTS

Abstract

The use of circus as a theme in children's literature, although not recent as an editorial practice, has been expanding in the last decades, which enable a relevant dialogue with the society. The present documentary research discusses the representation of circus in the children's literature by the analysis of 50 books written in Portuguese published between 1972 and 2020. The results treated through content analysis are pointing that the national literature has been naturalizing the circus-child relationship and reinforcing the "classic" circus show form (big top, family organization, presence of animals), omitting other tendencies of the contemporary circus. Moreover, it has contributed to the construction of a narrow and conservative vision of the circus, producing strangeness when this art is presented out of this model.

Keywords: Children's book; Circus; Art; Education; Childhood.

¹ Doutorado em La investigación en la actividad física y deporte pela Universidade de Lleida, UDL, Espanha. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



1. Notas introdutórias

Quer ver como me divirto?
É só me levar pro circo!
Pra mim é um grande artista
Adoro ver o trapezista
Foi um espetáculo de verdade
Tomara que o circo passe na sua cidade
(*Coisas de circo*, Cida Meira, 2003)

O acesso à cultura, como um dos pilares da educação, expande-se para todos os contextos e relações que, em conjunto, contribuem para o domínio das manifestações culturais que configuram nossa sociedade. Os processos e instituições educativas, de modo geral, dialogam direta ou indiretamente com a produção cultural (BENJAMIN, 1994), incorporando-a a seus projetos pedagógicos.

Devemos considerar que parte dessa aproximação às produções culturais ocorre mediada pelo universo material e simbólico acessado pelas crianças desde tenra idade. Nesse processo, brinquedos e brincadeiras, desenhos animados, jogos e o que nos interessa nesta oportunidade – os livros infantis – possuem relevância para o desenvolvimento das crianças, em especial para a formação de leitores e escritores, como ressaltam os trabalhos de Abramovich (2005), Coelho (2000), D´Onofrio (2015) e Lois (2010).

Os livros infantis, acessados primeiramente de forma indireta pelas crianças, com auxílio de leitores-mediadores, tornam-se peça-chave no diálogo “sujeito-cultura” recém-iniciado. Para Abramovich (2005) e Zilbermann (2008), fica evidente o papel formativo dessa interação, pois possibilita o desenvolvimento da oralidade, do imaginário e da sensibilidade, entre outros aspectos e oportuniza à criança o conhecimento de si mesma e da realidade que a cerca. Não obstante, ao favorecer o desvelar do mundo no enfrentamento de seus conflitos e contradições, tais experiências podem fomentar importantes e necessárias relações entre o real e o imaginário.

Assim, o modo como o circo é tematizado pelos livros infantis nos chamou atenção, a ponto de propormos uma análise das produções, buscando aprofundar nas representações neles expressadas. Entendemos, pois, que os livros infantis podem revelar indicativos que contribuam ao entendimento dos valores e das características de uma dada estrutura social e sua época. Num tempo em que o circo vem ocupando mais e mais o debate educacional (BORTOLETO; BARRÁGAN; SILVA, 2016; HOTIER, 2003), a referida análise nos parece ainda mais urgente e necessária.

Situamos as representações na condição de modos de conhecimento e de produção de identidades, ou seja, “formas culturais de referir, mostrar ou nomear um grupo ou um sujeito” (LOURO, 1997, p. 98). Esse conceito está centrado na linguagem e indica o modo como o outro é nomeado nos diversos contextos, além dos artefatos culturais como os filmes, os jogos eletrônicos, as músicas e o próprio livro infantil.

Em interessante análise, Rocha (2004) tratou da construção discursiva da relação circo-criança na literatura infantil. O autor desenvolveu suas reflexões com base na Antropologia, por meio da defesa de que o circo e a literatura infantil, ao se aproximarem, delineiam o que chama de “dialética da brincadeira”, ou seja, uma operação simbólica, por meio da qual conteúdo e forma se mesclam, originando um novo objeto. Para sua pesquisa, foram examinados 32 livros, 1 álbum de figurinhas e 1 encarte de peça teatral. Os resultados demonstraram que as representações do circo na literatura infantil, de forma geral, convergem para a naturalização da relação circo-criança, bem como o desconhecimento das transformações ocorridas com o circo ao longo do tempo, pois, por vezes, “imperam um sistema de classificação antiecológico, sexista, racista, totalizador, mas ao mesmo tempo exótico, sedutor, alegre, mágico” (ROCHA, 2004, p. 161).

Embora nosso foco sejam os livros infantis, temos conhecimento da existência de outras múltiplas formas de acesso à cultura – à arte do circo, mais precisamente –, por parte do público infantil. Desenhos animados, filmes, músicas e brinquedos, por exemplo, são artefatos culturais que constituem fonte fundamental para entender esse processo. Até mesmo os livros didáticos e paradidáticos têm abordado o circo como conteúdo ou recurso pedagógico³. O livro de Moras (2016) sobre a construção de brinquedos é um bom exemplo. Nele vemos o “palhaço” na condição de tema gerador de jogos educativos.

Partindo do pressuposto de que esse tipo de produção cultural vem crescendo e se consolidando, especialmente com a expansão e a continuidade dos programas de aquisição e distribuição de livros pelos governos municipais, estaduais e federais, conhecer essas obras pode nos ajudar a compreender não apenas as diferentes concepções de infância que influenciam essa produção, mas também os olhares contemporâneos sobre o circo, linguagem artística secular e com pujante presença na sociedade brasileira (ONTAÑÓN; BORTOLETO; SILVA, 2013).

2. Página a página: a presença do circo nos livros infantis

A presente pesquisa de caráter documental (OLIVEIRA, 2007) foi desenvolvida por meio do levantamento e análise de livros infantis e infantojuvenis publicados entre 1956 e 2020 que abordam o circo. Algumas dessas obras fazem parte do acervo pessoal dos autores, outras foram

³ Brinquedos como o Playmobil, internacionalmente reconhecidos, exploram a temática circense; inúmeros desenhos animados nacionais e estrangeiros (Backyardigans, Peppa Pig, Chaves, Nossa Turma entre outros) também possuem episódios com a temática circo. A memorável canção “O Circo” interpretada por Nara Leão e composta por Sidney Miller (disco *Vento de Maio*, 1967) ainda ressoa como se tivesse sido divulgada ontem. Filmes como *Os saltimbancos trapalhões*, de 1981 com nova versão de 2014, Madagascar 3 entre outros, ainda atraem um enorme público, em pleno contexto das mídias sociais e tecnologias. Outras muitas fontes, como livros para pintar (Colorir com atividades: circo. Casa das Artes, por exemplo) ou “manuais infantis” para mágica, povoam as prateleiras das lojas brasileiras e bibliotecas escolares. E isso não é nada novo como nos revela a *Cartilha de silabação* (LIMA; MONFORT, 1962), que se apropria de todo o simbolismo circense e de seu apelo lúdico para aproximar as crianças ao processo de alfabetização. Do mesmo modo, a poesia como expressão artístico-cultural também invoca o circo como vemos no livro “Circo dourado” de Beatriz Dourado (São Paulo: Chiado: 2020), assim como os jogos eletrônicos (games), como o “Circus Electrique”.

localizadas no portal *Circonteudo*⁴ e na *Circoteca* (biblioteca itinerante de circo)⁵. Conseguimos localizar um total de 91 obras, sendo 20 obras publicadas entre 1972 e 1999 e 71 obras entre 2000 e 2020, como mostram os quadros 1 e 2 trazidos na sequência. Desse conjunto, 50 obras – todas aquelas a que tivemos acesso na íntegra, na forma de livro impresso ou digital – foram analisadas com base na Análise de Conteúdo (AC).

Desse modo, corroboramos o entendimento de Oliveira (2008) para o qual a AC abarca um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos. Além disso, possui ampla aplicabilidade, possibilitando o acesso e a inferência a diversos conteúdos sejam eles explícitos ou não. Assim, configura-se como “um recurso metodológico que pode servir a muitas disciplinas e objetivos, uma vez que tudo o que pode ser transformado em texto é passível de ser analisado com a aplicação desta técnica ou método.” (p. 570).

Para Bardin (2011), a AC pode ser pensada em três momentos que se interrelacionam, ou seja, a pré-análise; a exploração do material ou codificação além do tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A primeira etapa engloba o processo de separação de documentos, leitura flutuante com definição do corpus de análise, formulação de objetivos e indicadores para a interpretação; a segunda etapa configura a exploração do material ou codificação na qual os dados brutos são sistematizados em unidades temáticas; na terceira etapa o tratamento dos resultados - inferência e interpretação a fim de desenvolver a análise por meio seja de quantificação (frequência) ou mesmo análise fatorial, permitindo apresentar os dados de diferentes formas por meio de tabelas, quadros, figuras entre outras. Na sequência trazemos os quadros com as obras acessadas.

Quadro 1 – Obras encontradas publicadas entre 1956 e 1999.

Obras	Público-alvo	Obra analisada
ALBERGARIA, I. S. Brincando com as formas : o circo (I. S. de Albergaria, Trad.). São Paulo: FTD, 1996.	Infantil	Sim
AMARAL, M. L. João no circo . Rio de Janeiro: Globo, 1985.	Infantil	Sim
ARAÚJO, C. A. O circo do padeiro . São Paulo: Paulinas, 1985.	Infantojuvenil	Sim
AYALA, W. O circo da alegria . São João del Rei, MG: Editora Villa Rica, 1994.	Infantil	Não
AZUL, P.P.; CASTANHA, M. A canção do circo . Belo Horizonte: Editora Lê, 1992.	Infantil	Não
BLAKE, Q. O palhaço . São Paulo: Ática, 1997.	Infantil	Sim
BOSETTI, E. As formas e as cores . São Paulo: Scipione, 1994.	Infantil	Não
DE ALMEIDA, F. L. O equilibrista . 2a ed. São Paulo: Ática, 2008.	Infantojuvenil	Não
DELAHAYE, G. Anita no circo . (Título original: “Martine au cirque”). Lisboa: Editora Verbo, 1956 – original; em português – 2010.	Infantil	Não
FRANÇA, M.; FRANÇA, E. Fantasia . São Paulo: Ática, 1999.	Infantil	Não
GARCIA, E. G. Circo bagunça bem-feita . São Paulo: Moderna, 1986.	Infantil	Sim

⁴ Maiores detalhes em <http://www.circonteudo.com.br/>.

⁵ A Circoteca é uma biblioteca itinerante que reúne livros com a temática circense e pode ser acessada através de uma rede social. Ver <https://www.facebook.com/CircotecaBrasil/>.



MACHADO, M. C. Ieda, a moça do cavalo do circo . Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972.	Infantil	Sim
MATTOS, C. O circo do cacareco . 6a ed. São Paulo: Atual, 1988.	Infantil	Sim
PONZIO, E. Brincando de circo . 2a ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1991.	Infantil	Sim
REIS, M. de L. C. D. Circo mambembe . Belo Horizonte: Virgília, 1991.	Infantojuvenil	Sim
STARKE, E. Alegria e diversão no circo . Blumenau: Chocolate. Inclui CD músicas, sem data.	Infantil	Sim
VALE, M. O macaco vermelho . 4a ed. Belo Horizonte: Dimensão, 1992.	Infantil	Sim
VALE, M. O palhaço sem graça . 5a ed. Belo Horizonte: Dimensão, 1995.	Infantil	Sim
VERDOLIN FILHO, F. Um circo de pernas pro ar . Belo Horizonte: RHJ Livros, 1987.	Infantil	Não
XAVIER, F. C.; CLOTILDE, F. Tintino: o espetáculo continua . São Paulo: Geem, 1976.	Infantojuvenil	Sim

Fonte: dos Autores. Referências ordenadas alfabeticamente.

Quadro 2 – Obras encontradas publicadas entre 2000 e 2020.

Título da Obra	Público-Alvo	Obra analisada
ALMEIDA, F. L. Seu Tatá vai ao circo . São Paulo: Ática, 2010.	Infantil	Sim
AZEVEDO, R. O leão Adamastor . São Paulo: Formato, 2010.	Infantil	Não
BEDRAN, B. O palhaço Biduim . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.	Infantil	Não
BELLY, R. Juba, o leãozinho de circo . Blumenau, SC: TodoLivro, 2011;	Infantil	Sim
BENTLEY, S. Gatinho mágico – magia no circo . Curitiba: Fundamento, 2011.	Infantil	Não
BEDICKS, M. G.; BORTOLETO, M. A. C. O circo chegou . Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2015.	Infantojuvenil	Sim
BORGES, I. A primeira vez no circo . Juiz de Fora, MG: Editora Franco, 2015.	Infantil	Não
BOTELHO, I. A risada de Biriba . São Paulo: Scipione, 2000.	Infantil	Não
BRIDWELL, N. Clifford no circo . São Paulo: Cosac & Naify, 2001.	Infantil	Sim
BRITO, A. Circo mágico – poemas circenses para gente pequena, média e grande. Porto Alegre: Projeto, 2007.	Infantil	Sim
CARVALHO, R.; MOTA, I. L. B. O circo universal . Belo Horizonte: Caiçara, 2000.	Infantojuvenil	Sim
CAVELAGNA, C. As aventuras de Simão e Bartolomeu – resgate no circo. Belo Horizonte: Melhoramentos, 2008.	Infantil	Sim
CIPIS, M. Vamos lá! Uma aventura com o palhaço Hep-Hep . São Paulo: Moderna, 2009.	Infantil	Não
COPE, A. Spy Pups: bagunça no circo . Curitiba: Fundamentos, 2012.	Infantil	Sim
COSTA, W. Os bigodes do palhaço . São Paulo: Moderna, 2003.	Infantil	Não
DENEUX, X. Meu circo . São Paulo: Companhia das Letras, 2009.	Infantil	Sim
DIAS, V. L. O circo . São Paulo: Cortez, 2014.	Infantil	Não

EDUAR, G. Todo mundo vai ao circo . São Paulo: Companhia das Letras, 2002.	Infantil	Sim
EDUAR, G. Djô . São Paulo: Martins Fontes, 2003.	Infantil	Não
FRANCO, B. Dona Zulmira vai ao circo . São Paulo: Leya, 2011.	Infantil	Sim
FRERE, E. Lá vem o circo . 1a ed. Nova Odessa: Napoleão, 2013.	Infantil	Não
FRERE, E. O vento veio brincar no trapézio . São Paulo: Trilha das Letras, 2009.	Infantil	Não
FURNARI, E. O circo da lua . São Paulo: Ática, 2005.	Infantil	Sim
GENECHTEN, G. V., 2, 3 circo . Curitiba: Positivo, 2015.	Infantojuvenil	Sim
GÓES, L. P. O circo da aranha Tatanha e de Tatinha sua filha . Belo Horizonte: Editora do Brasil, 2000.	Infantil	Sim
GOMES, L. A menina e o circo . 1a ed. Salvador: Editora Atualiza, 2015.	Infantil	Sim
JUNQUEIRA, S. Um dia, no circo . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.	Infantil	Sim
JUNQUEIRA, S. Um palhaço diferente . São Paulo: Ática, 2007.	Infantil	Não
LACERDA, L. Sou de circo . São Paulo: Panda Books, 2020.	Infantil	Sim
LALAU. Faz e acontece no circo . 1a ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.	Infantil	Não
LEO, P. Números de circo . Zaragoza, Es: Edelvives, 2007.	Infantil	Não
LINS, G. E o palhaço o que é? São Paulo: FTD, 2007.	Infantil	Sim
LOPES, L. Desmiolações . São Paulo: SESI-SP Editora, 2013.	Infantojuvenil	Sim
MACHADO, A. M.; CLAUDIUS. O Palhaço Espalhafato . São Paulo: Moderna, 2014.	Infantil	Não
MACHADO, M. C. Lila e Sibila no circo . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.	Infantil	Sim
MANZANO, S. O circo do meio-dia . Belo Horizonte: Dimensão, 2006.	Infantojuvenil	Não
MATTOS, C. Lorotas, caretas e piruetas . Belo Horizonte: RHJ Livros, 2017.	Infantil	Não
MORAS, I. Brinquedos criativos – em papel e papelão. São Paulo: Paulinas, 2016.	Infantil	Sim
MURRAY, R. O circo . São Paulo: Paullus, 2011.	Infantil	Sim
MVRUDIS, S. K. As crianças do circo e as crianças da cidade . Belo Horizonte: Artes Gráficas, 2016.	Infantil	Sim
NEIVA, L. O circo do Jiló . São Paulo: Globo, 2011.	Infantil	Sim
OTAVIANO JUNIOR. Grande circo favela . Itapira, SP: Estrela Cultural, 2019.	Infantil	Não
PAQUETTE, G.; CHEBRET, S. Abracadatchum . Belo Horizonte: Aletria, 2013.	Infantil	Não
PEREIRA, P. R. O reino encantado do circo . São Paulo: Scortecci Editora, 2018.	Infantil	Não
RIBEIRO, J. Circo faz de conta . São Paulo: Editora do Brasil, 2017.	Infantojuvenil	Não
RIBEIRO, N. Lá vem o circo . Valinhos, SP: Roda & Cia, 2009.	Infantil	Sim
RIPPIN, S. Oi, Jack! A aula de circo . 1a ed. Curitiba: Fundamento, 2014.	Infantil	Sim
RIZZI, A. Manoelito : o palhaço tristonho. Porto Alegre: Editora do Autor, 2014.	Infantil	Sim
ROBLEÑO, R. Viralata : o palhaço tá solto. Belo Horizonte: Editora do Autor, 2015.	Infantil	Não
RODRIGUES, S. O palhaço que não conseguia fazer rir . 1a ed. Alfragide, Portugal: Nova Gaia, 2009a.	Infantil	Sim

RODRIGUES, S. O mistério do coelho desaparecido . 1a ed. Alfragide, Portugal: Nova Gaia, 2009b.	Infantil	Não
RODRIGUES, S. A trapezista que queria voar . 1a ed. Alfragide, Portugal: Nova Gaia, 2009c.	Infantil	Não
RUTZEN, S. No circo com Juliana . Blumenau, SC: TodoLivro, 2010.	Infantil	Sim
SAM, T. Vamos ao circo : sons divertidos. Londres/Cotia, SP: Usborne/Nobel, 2014.	Infantil	Não
SCHMURL, P. Rita sapeca brinca de circo . 1a ed. São Paulo: Editora Larrousse, 2004.	Infantil	Não
SCOTINI, A., ALAIN, J. ; BUSQUETS, C. O Circo Bambini . Blumenau, SC: Eko, 2001.	Infantil	Sim
SENNA, M. de. O grande circo do mundo . São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.	Infantil	Sim
SIGUEMOTO, R. Asdrubal : o mágico. São Paulo: FTD, 2000.	Infantil	Não
SOUSA, M. Chico Bento : grande circo abobrinha. Barueri, SP: Panini Comics, 92, 3-19, 2014.	Infantil	Sim
SOUSA, M. Saiba mais! O circo, com a Turma da Mônica . Barueri-SP: Panini Comics, 2009.	Infantil	Sim
STARKE, E. Alegria e diversão no circo . Blumenau: Chocolate, sem data.	Infantil	Sim
TAPIA, V. Circo um gibi diferente . Diadema, SP: Tapia, 2012.	Infantil	Sim
TAPLIN, S. Vamos ao circo? : Sons divertidos. Londres/Cotia, SP: Editora Usborne, 2017.	Infantil	Não
TESSANDIER, C.; VIDEAU, V. 365 histórias para sonhar . 2a ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.	Infantil	Não
VERÍSSIMO, É. A vida do elefante Basílio . 1a ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.	Infantil	Não
VIANNA, R.; EGÉA, R. F. Circolândia . São Paulo: Moderna, 2014.	Infantil	Não
VIANNA, A. C.; MACHADO, S.M. O palhaço e a bailarina . Porto Alegre, RS: EDELBRA, 2007.	Infantil	Não
ZIGG, I.; ARAUJO, M. O circo . Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2003.	Infantil	Não
ZIRALDO. Tem bicho no circo . Belo Horizonte: Melhoramentos, 2010.	Infantil	Sim
WASHINGTON, J. (2005). Aventuras no circo . Barueri, SP: Impala, 2005.	Infantil	Sim
WEHRMEIJER, A. Mamãe e eu no circo . 1a ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2012.	Infantil	Não

Fonte: dos Autores. Referências ordenadas alfabeticamente.

Observamos que a maioria das obras encontradas foi publicada a partir dos anos 2000 (71 obras, sendo 35 delas entre as analisadas) o que sugere uma produção regular desde a década de 1970, porém crescente nos últimos 20 anos. Embora as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no processo ensino-aprendizagem tenham gerado todo um universo digital que vem ganhando espaço e, por conseguinte, impacta na construção de representações, os livros impressos constituem maioria. Algumas das obras encontradas possuem versão digital, mas a maioria das editoras ainda aposta na versão física (em papel)⁶.

⁶ Há também materiais unicamente em formato digital, como é o caso do *O circo mágico de Bita*, disponível em: <http://www.circomagicodobita.com.br/>.



Outro aspecto que merece atenção se refere à origem geográfica das obras, ou melhor, à localização dos grupos editoriais responsáveis por suas publicações. Vemos, então, que a maior parte dos livros (74 das 90 obras) foi publicada por empresas da região Sudeste, com destaque para o estado de São Paulo; outras 10 na região Sul e uma no Nordeste. Cinco obras foram publicadas no estrangeiro sendo distribuídas no Brasil. Embora não tenhamos investigado a naturalidade ou o local de residência dos autores, o que poderia subsidiar o debate, parece-nos que os fatores econômicos que indicam, por exemplo, maior concentração de renda e poder aquisitivo (mercado) nessa região, constituem elementos centrais para compreendermos a situação observada. Consequentemente, notamos nessa área uma indústria de produção e difusão cultural mais robusta, que impacta diretamente na produção ora analisada. Tal panorama é corroborado pela terceira edição da Pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, de março de 2018, realizada pelo Instituto Pró-Livro, a qual referenda que os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo aparecem como os principais mercados de compra de livros do Brasil, inclusive com maior potencial para a inclusão de livros digitais (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2018).

Outro ponto relevante é que nem todas as obras são voltadas para a mesma faixa etária, nem tampouco possuem as mesmas qualidades literárias e editoriais. Algumas delas privilegiam tanto a linguagem verbal quanto a visual, enquanto outras dão centralidade ao projeto gráfico. Essa interação do verbal com o “discurso” visual pode se dar tanto numa relação de complementariedade quanto de autonomia, até mesmo de contraponto e contradição nas representações. Assim, reconhecemos que o ilustrador é um importante narrador, forjando as representações (vide imagem 3). Para o público infantil, as ilustrações ganham destaque, constituindo-se como “acontecimento narrativo, que oferece informações que o texto escrito, em geral enxuto, para se adequar a competência textual do destinatário, não ofereceu” (CADERMATORI, 2006, p.15).

O conteúdo imagético dos livros pode ser analisado, como veremos em algumas capas que disponibilizamos ao longo deste artigo. Esse movimento nos permitiu compreendê-lo na perspectiva delineada por Samain (2012), ou seja, uma imagem é sempre “uma forma que pensa” (p. 24) e que nos desafia e convoca a pensar. Além disso, entendemos que as imagens não são tidas como elementos complementares ao texto escrito, mas na condição de fenômenos que participam de um processo de pensamento, formas polissêmicas que carregam diferentes mundos sonhados e vividos.

Muitas dessas instigantes produções trazem recursos com maiores possibilidades de interação, permitindo manipular, montar, recortar, brincar com as formas e os personagens, e até escutar músicas (com CDs acoplados, como, por exemplo, na obra Starke [n.d.]). Normalmente, são livros de capa dura e folha dupla – portanto, de custo mais elevado. Esses “livros-brinquedo” sugerem “como a moderna literatura infantil investida de uma significação lúdica, e objetificada no livro infantil, transforma a forma em conteúdo e vice-versa” (ROCHA, 2004, p. 147).

Diversas obras compõem “séries de livros” de personagens. O caso do cachorrinho “Clifford” (BRIDWELL, 2001) ou o dos gibis da “Turma da Mônica” (SOUSA, 2009; 2014) são exemplos interessantes. Identificamos também que nove das obras encontradas são traduções de produções consagradas no âmbito internacional, “importando”, desse modo, diferentes perspectivas de circo cristalizadas em seus países de origem, como é o caso dos exemplos trazidos no Quadro 3. Em contrapartida, localizamos apenas uma obra nacional que possui versão em outro idioma – a de Rizzi, em inglês, publicada em 2014, embora não tenhamos sido exaustivos na busca, por não ser esse o objeto da problemática ora analisada.

Quadro 3 – Exemplos de obras estrangeiras traduzidas ao português.

ALBERGARIA, I. S. Brincando com as formas : o circo (I. S. de Albergaria, Trad.). São Paulo: FTD, 1996.
BOSETTI, E. As formas e as cores . São Paulo: Scipione, 1994.
BRIDWELL, N. Clifford no circo . São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
COPE, A. Spy Pups: bagunça no circo . Curitiba: Fundamentos. (Título original: Spy pups: Circus Act), 2012.
DELAHAYE, G. Anita no circo . Lisboa: Editora Verbo. (Título original: “Martine au cirque”), 1956 – original; em português 2010.
DENEUX, X. Meu circo (X. Deneux, Ilustr., tradução da editora). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
LEO, P. Números de circo (P. Rozarena, Trad.) Zaragoza, Es: Edelvives, 2007.
RIPPIN, S. Oi, Jack! A aula de circo . 1a ed. Curitiba: Fundamento. (Título original: Hey, Jack! The circus lesson), 2014.
PAQUETTE, G.; CHEBRET, S. Abracadatchu . (R. Garrel & R. de Mont´Alverene Neto, Trad., S. Chebret, Ilustr.). Belo Horizonte: Aletria, 2013.
TESSANDIER, C.; VIDEAU, V. 365 histórias para sonhar . 2a ed. (L. de Baillencourt ; G. Trannoy, Ilustrs.). São Paulo: Ciranda Cultural, 2006 – original; em português 2011.

Fonte: dos Autores. Referências ordenadas alfabeticamente.

Por outro lado, vemos que tanto autores de menor reconhecimento como outros renomados, como Ziraldo (2010), buscaram aproximar-se do circo. No caso, a obra cuja capa aparece na sequência, ao tematizar os animais num tom lúdico, dá vida a uma encantadora lagarta de maçã que se torna uma artista de circo. Focas, leões, cangurus, elefantes, girafas, jacarés e outros muitos animais jogam com ela e mostram suas habilidades. A corda bamba, o engolidor de espadas, o trapezista, o mágico, a bailarina e o palhaço respaldam as representações de circo que o autor vai construindo em interlocução com o público infantil.

Enfim, estamos diante de uma rica e diversificada produção, que nos convida a problematizar as representações do circo no contexto contemporâneo e, por que não, sua relação com diferentes aspectos da subjetividade infantil calcada no imaginário tanto individual quanto coletivo, tal qual já nos sugeria Maffesoli (2001). É esse mesmo imaginário, “cimento social” (p.71) que, segundo o autor, pode ser alimentado de várias formas e visto como elemento de ligação, transformando o real como fonte de afetos, lembranças, emoções e modos de vida.



3. De que circo estamos falando?

Nas obras analisadas, o formato de organização e produção do espetáculo circense se refere ao modelo pautado na manifestação do trabalho itinerante, produzido basicamente no âmbito familiar e de espetáculos concebidos por sucessivos números (do malabarista, dos palhaços, de doma de animais, dos trapezistas, entre outros). Uma alegoria que alça a “lona” e seu “picadeiro” como elementos centrais da arquitetura e do simbolismo circense (BOLOGNESI, 2003).

Parece-nos ser predominante uma noção romantizada e estereotipada de circo, quase paralisada no tempo, especificamente nas obras de Furnari (2005) e Góes (2000), como se esse fosse o único formato vigente. No geral, os livros desprezam as outras muitas formas contemporâneas do espetáculo circense (SILVA, 2011), como o “circo teatro” (JANNUZZELI, 2015; SILVA, 2007) ou o “circo de rua” (BARRETO, 2018).

As particularidades regionais que o circo brasileiro desenvolveu ao longo de mais de 120 anos passam despercebidas nas obras analisadas. Ademais, o circo é apresentado como um “mundo mágico” e “fantástico”, contexto em que as coisas inimagináveis acontecem, concorrendo para sua exotização, ao desconsiderar, por exemplo, o cotidiano dos circenses, os bastidores dos espetáculos, entre outros temas que poderiam aproximá-lo à realidade das pessoas que dão vida ao circo, como magistralmente combinou a escritora romena Aglaja Veteranyiem em seu livro “Por que a criança cozinha na polenta” (ED. DBA, 2004).

De modo indireto vemos transparecer a ideia de que o ensino do circo acontece (ainda e somente assim) por meio da transmissão familiar, fundada na oralidade e no ensino de geração em geração, como sugere Rizzi (2014), afirmando que “Manoelito” (p. 9) é palhaço, filho e neto de outros palhaços circenses (imagem 2). Certamente, esse foi o modo mais emblemático da formação do artista circense – como debatem Silva e Abreu (2009), que apontam o circo como “escola única e permanente”, porém não é o único, pelo menos desde a década de 1980 (DUPRAT, 2014). Não encontramos, por exemplo, menção à emergência das escolas de circo e o consequente aumento dos espaços onde crianças e jovens podem também praticar o circo, e não o vivenciar unicamente como público, modificando assim uma relação unilateral que permaneceu por muito tempo estável, mas que vem mudando consideravelmente nas últimas décadas com múltiplas opções de prática do circo pelas crianças, incluindo as experiências na educação básica (ONTAÑÓN; DUPRAT; BORTOLETO, 2012).

A leitura cuidadosa sugere que pouco ou quase nada das mudanças ocorridas na produção do espetáculo circense nas últimas quatro décadas fica evidente nas obras analisadas, descolando, ao menos nesse aspecto, o teor das obras do contexto contemporâneo do circo. Vale ressaltar, ainda, que as famílias circenses, muitas delas consideradas “tradicionais” no âmbito artístico brasileiro

por terem formado diversas gerações de artistas, não são mencionadas, embora, como no caso de Franco (2011), apareçam “os irmãos Gonçalo” (p. 20), provavelmente uma criação ou analogia com esse tipo de tradição circense. Apenas uma das produções foi elaborada a partir de um projeto desenvolvido por uma conhecida família circense brasileira (TAPIA, 2012).

No mesmo sentido, parte desses livros traz expressões consolidadas na “cultura circense” em seu universo simbólico, pois revela aspectos significativos e particulares da discursividade do circo brasileiro, como melhor analisa Osthues (2017). Temos, então, de modo insistente e/ou recorrente, a vinculação de expressões como “respeitável público” (FRANCO, 2011), que em seu conjunto reforçam uma forma anacrônica de apresentar o espetáculo circense, dando a sensação – quando analisamos as obras de forma coletiva – de uma “universalidade simbólica”, a qual se sabe que não se sustenta, de fato.

Por isso, é importante reforçar, como o faz Silva (2011), algumas das mudanças no cenário brasileiro dos últimos 40 anos, pautadas no fato de que a capilaridade da linguagem circense transcendeu o ambiente do circo itinerante de lona e as próprias escolas especializadas, fazendo-se presente em múltiplos espaços da cidade, fato que a produção ora analisada desconsidera. Apenas para exemplificar o que estamos expondo quanto à diversidade desses contextos de atuação, podemos ver profissionais tanto ministrando aulas em projetos sociais, escolas profissionalizantes de circo, cursos superiores, participando e organizando eventos e festivais, como formando grupos artísticos (companhias), criando e dirigindo espetáculos. Parece-nos que pouco ou quase nada disso vem sendo abordado nos livros infantis, persistindo a ideia que posiciona o leitor unicamente como espectador, embora há algum tempo visualizemos a emergência de uma nova possibilidade, a de que mais e mais pessoas pratiquem circo, seja como atividade recreativa, educativa, seja como iniciação artística (DUPRAT; BORTOLETO, 2007).

Foi possível identificarmos nas obras analisadas diferentes modalidades circenses, com amplo destaque para as seguintes: malabarista, mágico, trapezista, palhaço, equilibrista, domador e bailarinas, o que reflete um universo restrito quanto à diversidade artística presente no circo, deixando de mencionar dezenas de modalidades descritas por Bortoleto (2017), e assim reforçando uma representatividade restrita.

De fato, algumas das modalidades mencionadas são tratadas com uma visão nostálgica e romantizada, no sentido da distância que guardam com a realidade circense, como é o caso da “mulher barbada (ou barbuda)”, do “homem forçado (Hércules)”, do “homem bala” (canhão humano), do “atirador de facas”, do “globista” (Globo da Morte)⁷, da “motocicleta maluca” (ALMEIDA, 2010), do “dono do circo” e, como vemos em Machado (2013), o domador, por meio do personagem “Chico Ferro”, segurando um chicote nas mãos e vestido

⁷ Com exceção de uma breve passagem na obra de Sousa (2009, p. 9), não encontramos referências ao circo brasileiro e aos seus protagonistas, nesse caso do Globo da Morte, especialidade na qual os artistas brasileiros são reconhecidos internacionalmente como expoentes. Certamente uma oportunidade que poderia ser mais bem explorada.



com um *leotardo* (*collant*) de “onça” (pp. 13-14)⁸. Vale mencionar que os mágicos quase sempre aparecem de modo caricato, como o “chinês” que “corta as pessoas ao meio” de Franco (2011, p. 13), com exceção, por assim dizer, da abordagem feita em *Alegria e diversão no circo* um *kit* de livretos cujos textos foram redigidos por Eduardo Starke.

Contudo, há também outras interessantes exceções, como é o caso do “barrista” (acrobata que faz evoluções na barra fixa) criado por Ponzio (1991, p. 15-16), embora esse livro ofereça apenas ilustrações. Ademais, identificamos uma ampla atenção às dramaturgias das obras estudadas, em personagens circenses como a “bailarina” e o “palhaço”, opções que talvez estejam respaldadas pela “infantilização do circo” (do espetáculo), como sugere Rocha (2004).

Outro aspecto que merece ser destacado refere-se à presença de animais no circo. A maioria menciona essa inserção como característica fundamental desse tipo de linguagem, como em Tessandier e Videau (2011). Podemos citar Mattos (1998), ao falar do “palhaço Cacareco” (um macaco):

Pelo picadeiro correndo
Dá três boas cambalhotas,
Manda beijos pra patota,
Que delira com a cena,
Bate palmas e pede bis. (p. 4)

É recorrente a referência antropomórfica aos animais, na maioria dos casos, como “feras” simpáticas. Em *Lila e Sibila no Circo*, de Maria Clara Machado (2013), eles aparecem com comportamentos humanos e alegóricos. Animais que brincam, falam, dançam, têm aptidões e até filosofam. De modo similar ao observado por Rocha (2004), poucas obras mostram que a presença dos animais no espetáculo não é um dado natural, mas fruto de aprendizado, preparação e treinamento. Não obstante, diversos livros fazem “críticas” rasas à presença dos animais como parte do espetáculo circense, embora tais ponderações não considerem, por exemplo, que a doma de animais é um ofício reconhecido pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)⁹. Em algumas ocasiões, os autores se posicionam contrariamente à presença de animais nos espetáculos, como vemos em Meira (2003): ao dizer “Fiquei com o coração na mão quando vi, na jaula, o leão” (contracapa); ou ainda na passagem:

Zé da Roça: *Eu quero ser domador de leão*
Chico Bento: *Nada disso! No meu circo num vai tê bicho!* (SOUSA, 2014, p. 5)

⁸ A título ilustrativo, o *collant* é comumente denominado, no âmbito artístico ou esportivo (ginástica), de “leotardo”, numa alusão direta ao trapezista circense francês Jules Léotard (1838-1870) (Recuperado de <http://www.vam.ac.uk/content/articles/j/jules-leotard>)

⁹ Código: 3762-25 Domador de animais (circense) - Treinador de animais (circense). (Recuperado em 03 de abril de 2018, de <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/CLASSIFICAÇÃO-BRASILEIRA-DE-OCUPAÇÕES-MEC.pdf>)

Parece-nos que o trato dado é descontextualizado, uma vez que não considera a complexidade do debate sobre a presença ou não dos animais nos espetáculos de circo. De fato, as obras não refletem a discussão contemporânea sobre o tema, constituindo uma abordagem superficial. Por isso, é oportuno lembrarmos que parte dos argumentos empregados, inclusive justificando a criação de leis, como vemos em alguns estados brasileiros que proíbem a utilização de animais em espetáculos circenses, são pautados em discursos enviesados, sem fundamentos, como “Circo legal não tem animal!” (SOUSA, 2009, p.31) ou carecem de bases legais, direcionados a uma atividade específica que é a circense. Quase nada se fala sobre os domadores, impedidos de realizar sua atividade laboral, que promove o sustento de suas famílias; ou, mesmo, sobre a condição dos saberes relacionados à doma de animais considerados no conjunto do patrimônio cultural imaterial. De acordo com o que indica o próprio Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com base na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), ampliou-se a noção de patrimônio cultural, ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza imaterial, matizados pelos saberes e pelos modos de vida passados de geração a geração, que criam outras formas de preservação, como o registro e o inventário, além da necessidade dos planos de salvaguarda¹⁰.

Muitas das obras exploram, com mais ou menos ênfase, um velho, porém persistente “sonho” infantil: o de poder realizar as mesmas proezas dos artistas; e, não raramente, mostram como as crianças que não pertencem ao circo transformam-se em protagonistas dos espetáculos, por exemplo, quando “Belinha dançou com a Bailarina no Arame” (ALMEIDA, 2010, p. 41). De fato, tal qual afirma Rocha (2012), a relação circo-criança como estratégia discursiva foi sendo ao longo do tempo naturalizada, algo que notamos também nas obras analisadas, servindo inclusive “a um processo de ‘purificação’ do circo, que pode ser entendido à luz da própria história do nomadismo circense no contexto da formação do Estado nacional brasileiro” (p. 76). Por fim, precisamos atentar para as perspectivas contemporâneas adotadas pela produção literária brasileira sobre os mais diversos temas, inclusive sobre o circo.

4. Notas finais: qual espetáculo podemos ver?

A partir da retomada do objetivo desta pesquisa, qual seja, analisar as representações do circo nos livros infantis, identificamos que a forma “clássica” do espetáculo circense (de lona; de organização familiar, com a presença de animais), ou seja, aquela que maior impacto material e simbólico teve na sociedade brasileira, vem sendo amplamente reforçada, pois omite quase na sua totalidade as tendências apresentadas pelo circo contemporâneo, como a formação de pequenas trupes (grupos artísticos), além da possibilidade de apresentação artística em qualquer espaço (rua, praça, escolas, teatros entre outros). Essas representações ganham força quando observamos que algumas obras consultadas receberam prêmios importantes e foram incluídas em

¹⁰ Para o IPHAN (2018), a salvaguarda de um bem cultural de natureza imaterial implica no apoio a sua continuidade de modo sustentável, a fim de melhorar as condições sociais e materiais de transmissão e reprodução que possibilitam sua existência.



programas educacionais, tanto em âmbito federal como estadual e municipal, ampliando o alcance e presença entre os leitores infanto-juvenis. A título de exemplo, a obra de Brito (2007) foi contemplada pelos programas: Ler e Escrever – FDE SP/2008, Cantinho de Leitura – SEDUC GO/2008, Kit escolar – Prefeitura de Belo Horizonte/2010 e PNBE/2010.

Como dito, os livros enfatizam palhaços, trapezistas, bailarinas, domadores, equilibristas e malabaristas, dando pouca ou quase nenhuma atenção às dezenas de possibilidades que, de fato, representam a diversidade da cultura artística do circo contemporâneo. Assim, vemos a construção de um olhar restrito, conservador e de certo modo distante do circo atual, que passa a povoar o imaginário das crianças que acessam esses materiais, seja nos espaços educativos formais ou no ambiente familiar, algo que pode contribuir para a manutenção de uma leitura limitada da arte circense.

O presente estudo, reforça o amplo reconhecimento dado ao circo como parte da cultura brasileira, embora a representação dada ao mesmo seja restrita e, em alguns casos, matizam concepções preconceituosas e estereotipadas, devido também à ausência do debate sobre esse tema ao longo do processo educativo e/ou na formação superior em Artes, em Pedagogia (FERNANDES; BORTOLETO, 2014), bem como em Educação Física (MIRANDA; AYOUB, 2017). Evidentemente, o acesso ao circo, mediante outros muitos meios, pode modificar essa relação, colocando em suspensão parte das representações dispostas nas obras.

Em nosso entendimento, a representação do circo encontrada nas análises dificulta o reconhecimento de outras formas de manifestação circense na atualidade e, inclusive, produzem estranhamento, quando essa linguagem se apresenta fora desse modelo que pode ser caracterizado de “caricato” ou “estático” (parado no tempo). Assim, parece-nos urgente encaminhar esse debate para os grupos editoriais e a todos aqueles que se dedicam à Educação Infantil, de modo a propor uma reflexão crítica dessa produção.

Como foi possível depreender dos livros analisados, elementos fundamentais para a compreensão do circo contemporâneo, como as escolas de circo e o circo-teatro (para o circo brasileiro), não são citados. A prática educacional e recreativa do circo por crianças, exceto na obra de Lacerda (2020) também é ignorada pelas obras estudadas, permanecendo a ideia da contemplação como única forma de contato com o circo. A possibilidade do circo estável, isto é, fixo em algum lugar (cidade, praça, ...) também não foi notada, tornando o conceito de circo itinerante como uma arquitetura única, descolando, portanto, as obras da realidade experienciada no Brasil.

A dedicação, o longo e árduo treinamento para constituir-se num artista profissional de circo são mencionados apenas em duas obras, o que possibilita “desromantizar” o assunto. Entendemos que os livros infantis podem flexibilizar e até poetizar alguns aspectos da realidade, porém também precisam fomentar um entendimento mais concreto dela, como o mencionado anteriormente, a fim de valorizar o ofício artístico.

Cabe elucidar que o circo brasileiro consolidou alguns de seus personagens, principalmente os palhaços “Carequinha, Arrelia e Pimentinha” – e esse grupo pode ser ampliado com “Torresmo”, como ícones culturais (e televisivos) de suas épocas. Produções mais recentes adicionaram outros como “Bozo”, “Patati e Patata” ou “Topetão” à lista. Não obstante, é quase inexistente a menção deles nas obras, desconectando-as, nesse aspecto, de parte relevante da produção circense nacional.

Entretanto, artistas relevantes, como o palhaço Biribinha, reconhecido como Patrimônio Imaterial do Estado de Alagoas, ou ainda Benjamim de Oliveira, figura ilustre do circo-teatro brasileiro no século XIX não são mencionados¹¹, fato que aponta de algum modo para a manutenção de um simbolismo circense desatualizado para o público infantil. Com efeito, embora os palhaços estejam no “centro” do debate, são, com frequência, estereotipados (quase sempre a partir de modelos como os indicados anteriormente) e com pouca atenção à sua diversidade artística, técnica e estética o que desmerece, por exemplo, os palhaços que não usam “o nariz vermelho” ou as mulheres palhaças.

Todo esse empreendimento literário e, por isso linguístico, simbólico, cultural, continua, se analisarmos os livros voltados ao público infantojuvenil, como mostram alguns desses exemplos, nas obras de Araújo (1985), Reis (1991) e Senna (2010). No entanto, fica evidente nas obras o circo como uma arte popular, no sentido de um espetáculo aberto a toda família, das crianças aos idosos; sem distinção de classe social. Vemos ainda a ênfase a uma forma de espetáculo itinerante (mambembe) que alcança distintas populações, da urbana à rural, da central à periférica, das grandes cidades aos pequenos povoados. Certamente um tema que merece outras e mais profundas análises, e que ainda muito nos inspira.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5a ed. São Paulo: Scipione, 2005.

ARAÚJO, Chloris Arruda de. **O circo do padeiro**. São Paulo: Paulinas, 1985.

ALMEIDA, Fernanda Lopes. **Seu Tatá vai ao circo**. São Paulo: Ática, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARRETO, Mônica Alves. **Saltimbancos contemporâneos: seu aprendizado, suas escolhas e expectativas**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018.

¹¹ Contrariamente, o livro paradidático “Benjamin, o filho da felicidade” de Heloisa Pires Lima (São Paulo: FTD, 2007), revela a relevância desse palhaço para o circo e, de modo mais amplo, para a arte brasileira.



BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política.** 6a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços.** São Paulo: Unesp, 2003.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Um encontro entre o funâmbulo e o praxiólogo: ideias para mestres e discípulos. In: Lílian Aparecida; Glauco Nunes Souto Ramos. (Coords.), **Educação física escolar e praxiologia motriz: compreendendo as práticas corporais** (pp. 55-80). Curitiba: CRV, 2017.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; ONTAÑÓN, Teresa Barragán; SILVA, Ermínia. **Circo: horizontes educativos.** 1a ed. Campinas: Autores Associados, 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. 1988, 05 de outubro. Recuperado em 01 de fevereiro de 2018, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm.

BRASIL. **Decreto n. 3.551.** Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. 2000, 4 de agosto. Recuperado em 03 de fevereiro de 2018, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm.

BRIDWELL, Norman. **Clifford no circo.** São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

BRITO, Alexandre. **Circo mágico – poemas circenses para gente pequena, média e grande.** Porto Alegre: Projeto, 2007.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

D'ONOFRIO, Débora Pretti. O papel da literatura infantil na formação da criança: análise do livro "As frangas". **Revista Primeira Escrita**, v. 2, pp. 34-44, 2015. Recuperado em 16 de janeiro de 2018, de <http://seer.ufms.br/index.php/revpres/article/view/933>.

DUPRAT, Rodrigo Mallet. **Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior.** (Tese de Doutorado), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014. Recuperado em 01 de maio de



2018, de

http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275076/1/Duprat_RodrigoMallet_D.pdf.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, pp. 171-189, 2007. Recuperado em 13 de fevereiro de 2018, de <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/63>

FERNANDES, Rita de Cássia; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Saberes e práticas circenses: analisando os currículos dos cursos de pedagogia das universidades públicas paulistas. **Revista Ensaio Geral**, v. 3, n. 3, pp. 79-85, 2014.

FRANCO, Blandina. **Dona Zulmira vai ao circo**. São Paulo: Leya, 2011.

FURNARI, Eva. **O circo da lua**. São Paulo: Ática, 2005.

GÓES, Lucia Pimentel. **O circo da aranha Tatanha e de Tatinha sua filha**. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 2000.

HOTIER, Hugues (org.). **La fonction éducative du cirque**. Paris: L'Harmattan, 2003.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Plano de Salvaguarda**. 2018. Recuperado em 03 de abril de 2018, de <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/684/>

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Região Sudeste aparece como um dos principais polos para livros digitais e o maior consumidor editorial do País**. 2018. Recuperado em 03 de fevereiro de 2019, de <http://prolivro.org.br/home/newsletter/noticias/1132-regiao-sudeste-aparece-como-um-dos-principais-polos-para-livros-digitais-e-o-maior-consumidor-editorial-do-pais-3340>

JANNUZZELLI, Fernanda. **Circo-teatro através dos tempos: cena e atuação no Pavilhão Arethuzza e no Circo de Teatro Tubinho**. (Dissertação de mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015. Recuperado em 02 de maio de 2018, de <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/285326>.

LACERDA, Leninha. **Sou de circo**. São Paulo: Panda Books, 2020.

LIMA, Heloisa Pires. **Benjamin, o filho da felicidade**. São Paulo: FTD, 2007.



LIMA, Hildebrando de; MONFORT, Kley Ozon. **Cartilha de silabação**. Rio de Janeiro: Editora J.Ozon+Editor, 1962.

LOIS, Lena. **Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Maria Clara. **Lila e Sibila no circo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MATTOS, Cyro. **O circo do cacareco**. 6a ed. São Paulo: Atual, 1988.

MEIRA, Cida. **Coisas de circo**. São Paulo: Ícone; 1ª ed., 2017.

MIRANDA, Rita de Cássia Fernandes; AYOUB, Eliana. As práticas circenses no "tear" da formação inicial em educação física: novas tessituras para além da lona. **Movimento**, v. 22, n. 1, pp. 187-198, 2017. Recuperado em 01 de abril de 2018, de <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/55179>.

MORAS, Ingrid. **Brinquedos criativos – em papel e papelão**. São Paulo: Paulinas, 2016.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Denise Cristina de. Análise de conteúdo temático categorial: uma proposta de sistematização. **Rev. Enferm. UERJ**: Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, pp. 569-576, 2008. Recuperado em 07/05/2018, de <http://portal.revistas.bvs.br/index.php?mfn=12508&about=access&lang=pt#>.

ONTAÑÓN, Teresa Barragán; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; SILVA, Ermínia. Educación corporal y estética: las actividades circenses como contenido de la educación física. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 62, pp. 233-243, 2013. Recuperado em 07 de maio de 2018, de <http://www.red-redial.net/referencia-bibliografica-68487.html>.

ONTAÑÓN, Teresa Barragán; DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação física e atividades circenses: "o estado da arte". **Movimento**, v. 18, pp. 149-168, 2012. Recuperado em 01 de abril de 2018, de <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/22960>.

OSTHUES, Romulo Santana. **Um nariz vermelho feito (de) mídia.** (Dissertação de Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2017. Recuperado em 05 de maio de 2018, de http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/322347/1/Osthues_RomuloSantana_M.pdf.

PONZIO, Eloisa. **Brincando de circo.** 2a ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1991.

REIS, Maria de Lourdes Costa Dias. **Circo mambembe.** Belo Horizonte: Virgília, 1991.

RIZZI, Angélica. **Manoelito: o palhaço tristonho.** Porto Alegre: Editora do Autor, 2014.

ROCHA, Gilmar. 'Dialética da brincadeira' – representações do circo na literatura infantil. **Grifos**, Chapecó, v. 17, pp. 145-168, 2004.

ROCHA, Gilmar. O circo chegou: memória social e circularidade cultural. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, v. 9, n. 2, pp. 69-89, 2012. Recuperado em 02 de maio de 2018, de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/10261>.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: Etienne Samain (Org.), **Como pensam as imagens** (pp. 21-36). Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

SENNA, Marta. de. **O grande circo do mundo.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

SILVA, Erminia. **Circo-teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil.** São Paulo: Altana, 2007.

SILVA, Ermínia. O novo está em outro lugar. In: Rede Sesc de Difusão e Intercâmbio das Artes Cênicas. (Org.). **Palco giratório** (Vol. 1, pp. 12-21). Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2011. Recuperado em 01 de maio de 2018, de http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3152:o-novo-esta-em-outro-lugar&catid=189:erminia-silva&Itemid=510.

SILVA, Ermínia; ABREU, Luis Alberto de. **Respeitável público... o circo em cena.** Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

SOUSA, Maurício de. **Saiba mais! O circo, com a Turma da Mônica.** Panini Comics, 2009.



SOUSA, Maurício de. **Chico Bento: grande circo abobrinha**. Panini Comics, v. 92, pp. 3-19, 2014.

STARKE, Eduardo. **Alegria e diversão no circo**. Blumenau: Chocolate, sem data.

TAPIA, Verônica. **Circo um gibi diferente**. Diadema, SP: Tapia, 2012.

TESSANDIER, Catherine; VIDEAU, Valérie. **365 Histórias para sonhar**. 2a ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

ZILBERMANN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, v. 14, pp. 11-22, 2008. Recuperado em 01 de abril de 2018, de <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>.

ZIRALDO, Alves Pinto. **Tem bicho no circo**. Belo Horizonte: Melhoramentos, 2010.

Recebido em: 20 de setembro de 2022.
Aceito em: 15 de dezembro de 2022.
Publicado em: 17 de junho de 2023.